

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Amanda Pereira da Silva

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA
TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA**

Santa Maria, RS
2021

Amanda Pereira da Silva

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA TELEDRAMATURGIA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Psicologia**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriane Roso

Santa Maria, RS
2021

Amanda Pereira da Silva

**REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA TELEDRAMATURGIA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Psicologia, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Psicologia**

Aprovado em 11 de fevereiro de 2021



Adriane Rubio Roso, Psicóloga, Dr^a. em Psicologia
(Presidente/Orientadora)



Maria Luiza Leal Pacheco (SOBRESP), Psicóloga, Mestra em Psicologia



**Daiane Tolentino (Prefeitura de Santa Maria), Psicóloga, Especialista em Saúde
Coletiva**

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Nilda, que é inspiração cotidiana de força e esperança. Nada disso seria possível sem sua perseverança e seu amor.

À minha irmã Gabi, que fez de tudo para que eu não desistisse de buscar meu lugar ao sol.

E a todas as Ruths, Angelas, Lélías... mulheres pretas, de garra e luz que construíram o caminho que me possibilitou chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família que não mediu esforços para que eu pudesse ter a oportunidade de estar na universidade. Obrigada por todo cuidado, amor, acolhimento e por entenderem que eu deveria construir minha própria trajetória.

Agradeço à minha namorada, Liziana da Rosa, que escutou meus anseios, indagações e revoltas enquanto escrevia este trabalho. Obrigada por toda paciência e amor. Por me acalantar nos dias tristes e compartilhar as alegrias dos momentos bons. Gratidão por acreditar em mim, principalmente nos momentos em que nem eu acreditei.

Minha eterna gratidão à Rafaela Monçalves e à Jaqueline Rodrigues. Nós sempre seremos um grupo. Apesar de todas as adversidades que o ambiente acadêmico apresenta para pessoas como nós, resistimos. Vocês foram raios de sol em dias nublados.

Obrigada à Caroline Noal, uma amizade que surgiu dos encontros e desencontros cotidianos. Agradeço por estar do meu lado em um dos momentos mais intensos e difíceis da minha vida e por abraçar quem eu era antes mesmo que eu soubesse.

Agradeço à Hallana Bohrer e nossas trocas sempre cheias de afeto e sabedoria. À Luíza Toniolo, por compartilhar dos momentos, das indecisões e saber que um abraço as vezes é tudo que alguém precisa. E à Daiane Kemerich, que apesar das distâncias ocasionadas pela vida, é afeto e inspiração

À Daniela Giacomelli, minha companheira “oficial” das angústias que os dois últimos anos de faculdade proporcionam. Obrigada por aguentar todas minhas mensagens e áudios enviados nos desesperos de um domingo de manhã. A gente conseguiu.

Por fim, à minha professora, supervisora e orientadora, Adriane Rubio Roso. Obrigada por todos (os muitos) momentos em que me amparou durante minha trajetória acadêmica. Gratidão por ressignificar o espaço acadêmico, mostrando que a universidade pode ser, sim, acolhedora e que ser professora é muito mais do que trocar conhecimentos: é afetar e se deixar afetar.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

(Chimamanda Ngozi Adichie, 2009)

RESUMO

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA

AUTORA: Amanda Pereira da Silva
ORIENTADORA: Dra. Adriane Rubio Roso

A presente pesquisa tem como objetivo estudar como as representações de mulheres negras em telenovelas brasileiras estão ligadas ao racismo e sexismo na sociedade brasileira, partindo dos apontamentos e resultados encontrados em estudos anteriores que se debruçam sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que recorre ao método da revisão narrativa para explorar o tema em pauta. A plataforma Google Acadêmico foi utilizada para coleta dos artigos publicados no período de 2010 à 2020 que investigavam e discutiam sobre as representações das mulheres negras na telenovela. A busca resultou em 4.450 itens, dos quais apenas 7 artigos foram selecionados por se encaixarem nos critérios de inclusão. Além disso, foram incluídos no *corpus* da análise os artigos utilizados na revisão teórica deste trabalho que se debruçavam especificamente na temática de nosso estudo, totalizando-se, por fim, 9 artigos. As análises dos artigos selecionados para a revisão se apoiaram nas contribuições empreendidas pela Teoria das Representações Sociais, bem como as apresentadas pelos Estudos Raciais e Estudos de Gênero. Concluiu-se que as concepções de imagens e representações de mulheres negras na teledramaturgia estão intrinsecamente ligadas à manutenção do racismo e do patriarcado, pois reproduzem práticas sexistas e racistas na construção de suas personagens.

Palavras-chave: Racismo. Mulheres Negras. Representações Sociais. Teledramaturgia Brasileira.

ABSTRACT

REPRESENTATIONS OF BLACK WOMEN IN BRAZILIAN SOAP OPERAS

AUTHOR: Amanda Pereira da Silva
ADVISOR: Dra. Adriane Rubio Roso

This research aims to study how the representations of black women in Brazilian soap operas are linked to racism and sexism in Brazilian society, starting from the notes and results found in previous studies that deal with the theme. It is a qualitative research that uses the method of narrative review to explore the topic at hand. The Google Scholar platform was used to collect articles published from 2010 to 2020 that investigated and discussed the representation of black women in soap operas. The search resulted in 4,450 results, of which only 7 articles were selected because they fit the inclusion criteria. The articles used in the theoretical review of this work that focused specifically on the theme of our study were also included in the analysis corpus, totaling, finally, 9 articles. The analyzes of the articles selected for the review were supported by the contributions made by the Theory of Social Representations, as well as those presented by the Racial Studies and Gender Studies. It was concluded that the conceptions of images and representations of black women in teledramaturgy are intrinsically linked to the maintenance of racism and patriarchy, as it reproduces sexist and racist practices in the construction of their characters.

Keywords: Racism. Black Women. Social Representation. Brazilian Soap Opera.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	O POR QUÊ DESSE ESTUDO?.....	10
2	TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RACISMO	15
3	MARCAS COLONIAIS: O RACISMO NO CONTEXTO BRASILEIRO	19
4	A MULHER NEGRA NA TELA: TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA E REPRESENTAÇÃO	24
5	MÉTODO DE PESQUISA	28
5.1	DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS.....	28
5.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	29
5.3	ASPECTOS ÉTICOS	30
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
6.1	A FUNÇÃO DA MÍDIA E DAS TELENOVELAS	32
6.2	O RACISMO COMO PAUTA.....	34
6.3	AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS.....	35
6.4	AFETIVIDADE E SEXUALIDADE	40
6.5	MUDANÇAS NAS REPRESENTAÇÕES.....	42
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A telenovela chegou à vida das brasileiras e dos brasileiros junto do advento da televisão, ainda que na época apresentasse um formato diferente do atual (HAMBURGUER, 2011). Ao longo dos anos, tornou-se um marco da cultura brasileira, fazendo parte do cotidiano da casa de milhares de pessoas. Desde seu início, a telenovela refletiu o racismo presente na sociedade brasileira, sendo palco de formas implícitas e explícitas de discriminação (ARAÚJO, J., 2008), além de afetar diretamente o modo como mulheres negras são representadas neste núcleo.

Personagens mulheres negras geralmente ocuparam lugares de subalternidade e tiveram seus corpos cercados de estereótipos dentro destas narrativas (CAMPOS; JÚNIOR, 2016; MALTA; OLIVEIRA, 2020; PIMENTA, 2018; SANTOS, 2015). Ao reconhecer este ponto e concordar com as argumentações postas pelos autores, buscamos aprofundar o debate sobre a representação de mulheres negras em telenovelas sob a luz da Teoria das Representações Sociais e dos Estudos de Raça e Gênero.

Para este fim, realizamos uma Revisão Narrativa, com o intuito de estudar o que já se vem produzindo sobre a temática. Para a construção desse estudo, partimos das seguintes questões norteadoras: Como mulheres negras são representadas na teledramaturgia brasileira?; Como o racismo e o sexismo se transportam e se integram às telenovelas, refletindo a construção de representação de mulheres negras? Qual o lugar da telenovela dentro da estrutura da sociedade brasileira?; Quais as possibilidades de existência de mulheres negras para além da cisgêneridade e heterossexualidade dentro da teledramaturgia? Em que momento entram em cena (se entram)? Como essas mulheres LGBTQI+ são representadas nas telenovelas?; Ocorreram mudanças nas representações da mulher negra na teledramaturgia nos últimos anos? Se sim, quais fatores sócio históricos e políticos ocasionaram e estariam ligados a essa mudança?

Analisamos os resultados e apontamentos apresentados em estudos anteriores que se debruçam sobre o tema, identificando lacunas, convergências e divergências entre os autores. Partimos da concepção do racismo como representação social (VALA, 2015; VALA; PEREIRA, 2018) para debater a forma com que mulheres negras são representadas em telenovelas. Os estudos sobre a questão racial no Brasil e os que tratam da especificidade do racismo com as mulheres

negras, debatendo as questões de gênero dentro desta população, também serão utilizadas para localizarmos nosso público-alvo.

Assim, estudamos o modo como as representações de mulheres negras em telenovelas brasileiras têm sido construídas, observando como estas representações estão ligadas às estruturas racistas e sexistas da sociedade brasileira, partindo dos apontamentos e resultados encontrados em estudos anteriores que se debruçam sobre o tema. Além disto, buscamos (a) identificar as representações relacionadas à orientação sexual e os modos de produção das relações de gênero e (b) analisar possíveis modificações nos sistemas de representação do racismo\sexismo na teledramaturgia brasileira, apontando para fatores sócio históricos determinantes de mudança.

1.1 O POR QUÊ DESSE ESTUDO?

A proposta desse Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma longa trajetória pessoal e acadêmica. Durante a formação acadêmica obtive maior identificação com temas relacionadas a gênero, raça e classe, de forma que me inseri no Laboratório de Estudos, Extensão e Pesquisas em Psicologia Social e Saúde - LEPPSO (Projeto de Ensino e Extensão, registrado no GAP\CCSH n. 040397), onde encontrei o espaço para estudar e debater estas questões que tanto me ansiavam e descobri as diversas possibilidades da articulação da psicologia, como com os estudos em Comunicação Social.

Com a participação no LEPPSO, surgiu a oportunidade de atuar no projeto de pesquisa intitulado "Mulheres e consumo de crack: experiências de internação compulsória", o que gerou uma maior aproximação da Psicologia Social Crítica, assim como da Teoria das Representações Sociais e dos Estudos de Gênero.

Durante os debates as questões de gênero eram pautas recorrentes, um ponto identitário presente em um grupo composto apenas por pesquisadoras mulheres. Porém, havia lacunas latentes nessas discussões, principalmente às relacionadas a pouca presença do recorte de raça/etnia, lacunas estas que começaram a me inquietar.

Racismo e discriminação racial sempre estiveram presentes na minha vida, apesar de só ter começado a estudar sobre o tema através do ingresso no espaço acadêmico. Desde muito cedo, vivenciei o racismo, sem, no entanto, definir essa experiência como tal. Somente após anos consegui entender o motivo de determinados olhares, tratamentos e piadas que escutava. Tudo isso

dizia respeito ao lugar que eu ocupava na sociedade: o de uma mulher negra, lugar que não foi entendido com facilidade.

Pode parecer absurdo, mas só fui começar a me reconhecer como pessoa - e mulher - negra no final da minha adolescência. A pele, o cabelo, o nariz, todo o fenótipo sempre esteve aqui, nasci e cresci em uma família negra, em uma vila onde as famílias são majoritariamente negras. Então, por que levei tanto tempo para me reconhecer?

A televisão sempre foi um objeto sagrado na minha casa, apesar de hoje em dia, devido a outras tarefas e o acesso a outros meios de informação e entretenimento, dificilmente assisto a programas televisivos. Entretanto, basicamente cresci em frente à televisão. Assistia aos programas infantis, jornais, filmes, inevitavelmente a propagandas e principalmente a novelas.

Lembro de achar as atrizes maravilhosas e lindas, pois era o que as pessoas à minha volta e as revistas diziam. Desta forma, eu entendi que - ainda que implicitamente - para ser amada e respeitada eu deveria ser igual a elas. O problema é que as atrizes admiradas normalmente eram as que ocupavam papéis de destaque e, levando em consideração que minha infância se passou entre o final dos anos 90 e a primeira década dos anos 2000, essas atrizes eram em sua maioria brancas.

Esta escassez de representatividade é apontada por Malta e Oliveira (2020), que ao problematizarem as personagens protagonistas interpretadas pela atriz Taís Araújo, sinalizam que o protagonismo negro feminino só foi apresentado ao público pelo canal mais popular e veiculado na televisão aberta brasileira (Rede Globo) apenas em 2004. Cabe, porém, destacar aqui um ponto de discordância quanto a este fato, pois a atriz Ruth de Souza, também é apontada como a primeira protagonista interpretada por uma mulher negra em telenovela brasileira, por seu papel em *A Cabana do Pai Tomás* (1969) da mesma emissora. Na obra em questão (baseada no romance de Harriet Beecher Stowe e ambientado na guerra de secessão norte americana), a atriz dava vida à esposa do personagem destaque, o escravo Tomás, interpretado por um ator branco utilizando *blackface*, “técnica de maquiagem que consiste no escurecimento da pele, muito difundida nos Estados Unidos desde o século XIX” (BARBOSA; COSTA, 2019, p.5) e adotada por atores brancos. Através desta caracterização, reforçavam-se estereótipos racistas associados à população negra, além da ridicularização dos mesmos (PORTAL GELEDÉS, 2016).

Malta e Oliveira (2020) ressaltam que, mesmo ocupando papéis de destaque, as personagens negras da amostra utilizada são permeadas de estereótipos que reforçam o discurso

machista e racista que circunda o corpo da mulher negra. Sendo assim, é compreensível o desejo de igualar-se à protagonista-mocinha branca, pois, ainda que atravessada pelos preceitos patriarcas, esta era vista com bons olhos frente à sociedade conservadora brasileira.

Acevedo, Nohara e Namuski (2010) destacaram a disparidade das representações entre brancos e negros na mídia, pontuando as formas cada vez mais sutis que o racismo foi assumindo para perpetuar seu funcionamento excludente e opressor. As autoras também discorrem sobre como os discursos midiáticos atingem e influenciam a sociedade em um todo e não somente o público-alvo ao qual o conteúdo está direcionado.

Nessa direção, Roso et al. (2002), em um estudo sobre ideologia e estereótipos de gênero e raça em propagandas televisivas, evidenciam a massificação dos meios de comunicação em prol de uma cultura capitalista-opressora. Ainda que as mensagens sejam direcionadas à uma maioria (utilizando aqui a conceitualização da díade maioria-minoria dos autores, a qual não se refere a um caráter quantitativo, mas político), elas visam englobar minorias a partir da criação de um falso pertencimento à maioria. De fato, as minorias raciais veiculadas nas propagandas analisadas pelos autores são representadas de modo estereotipado, prevalecendo o racismo como representação social.

Partindo destas considerações, optou-se por utilizar como um dos principais norteadores teóricos desta pesquisa a Teoria das Representações Sociais (TRS), por se propor a estudar, observar, analisar e compreender a orquestração dos fenômenos sociais, entendendo a mesma como produto e produtor da forma de agir e pensar da sociedade (OLIVEIRA; WERBA, 1998). Entende-se assim que à luz da TRS será possível dialogar a respeito das representações das mulheres negras que são apresentadas à população brasileira via televisão, e, mais especificamente, nas novelas televisivas

Percebe-se assim a necessidade de se produzir um debate que trate de desmembrar como estas representações se instauram e por que se instauram, assim como, de que forma se dá a construção e o reforço do racismo nos meios de comunicação digitais. Embora a emersão popular do feminismo negro e dos estudos de gênero e raça nas universidades possam estar contribuindo para modificações na representação das personagens negras na teledramaturgia e para o aumento no número de papéis protagonistas, precisamos ficar atentas para não reforçarmos a falsa sensação de problema resolvido. No momento em que estas questões são debatidas e tensionadas, abre-se

espaço para a reflexão, para o despertar do senso crítico, para reivindicação por visibilidade e mudanças cada vez mais efetivas. Usar minha voz de mulher negra, ocupando esse espaço acadêmico majoritariamente branco para discutir a representatividade que atravessa a mim e a outras mulheres negras também é um fator de relevância social, acadêmica e crítica.

No que tange aos estudos que investigam o campo midiático, aponta-se como uma das principais dificuldades na pesquisa com telenovelas o tempo de duração e a complexidade das narrativas (CAMPOS; JÚNIOR, 2016), o que pode entender-se como um dos motivos da pouca ocorrência de estudos nas plataformas indexadas brasileiras.

SciELO e CAPES foram as plataformas utilizadas para revisão teórica de materiais referentes a telenovelas e representações de mulheres negras (ver capítulo 4), dentre estes, somente 6 artigos apresentaram conformidade com os critérios de exclusão (estar em língua portuguesa e apresentar concordância com o tema). Os artigos majoritariamente distinguem a representação da mulher negra da do homem negro e pontuaram as nuances machistas engendradas nestas distinções, apenas dois se debruçam especificamente sobre a representação da mulher negra (MALTA; OLIVEIRA, 2020; MAURO; TRINDADE, 2012). Deste modo percebeu-se a necessidade de seguir ampliando o estudo e levantamento de materiais, optando-se pela realização da Revisão Narrativa como método da presente pesquisa.

Ainda, no que tange aos estudos utilizados na revisão teórica, encontramos sugestões para pesquisas futuras, tais como a reflexão sobre a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, representação da família e relações de trabalho e questionamentos sobre a diversidade representacional negra, para além da díade homem-mulher (SANTOS, T., 2015). Cabe apontar que todos os artigos partiram de uma ótica de análise heterossexual e cisgênero, questiona-se assim quais as possibilidades de existência de mulheres negras para além da cisgeneridade dentro da teledramaturgia? Em que momento entram em cena (se entram)? Como essas mulheres LGBTQI+ são representadas nas telenovelas?

Nenhum dos estudos apontados tratou das obras produzidas nos últimos 6 anos, assim surgindo questionamentos relativos à fluidez das representações sociais: ocorreram mudanças nas representações da mulher negra na teledramaturgia nos últimos anos? Se sim, quais fatores sócio históricos e políticos estariam ligados a essa mudança?

A partir dessas questões iniciais, fomos tecendo caminhos teóricos para pensar sobre nosso objeto de estudo. No primeiro capítulo trazemos a teoria das Representações Sociais para introduzir a problemática do racismo. A seguir, tratamos das marcas do colonialismo no Brasil, para, na sequência abordar especificamente a teledramaturgia brasileira e o lugar da mulher negra nessa categoria.

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RACISMO

Enquanto humanidade, uma de nossas principais características é a convivência em sociedade. Somos inseridos em uma dada cultura com suas qualidades específicas, onde interagimos com outros sujeitos e, a partir desta interação, podemos realizar as tarefas cotidianas fundamentais para nossa sobrevivência. Jodelet (2001) sugere que, para estas relações serem estabelecidas, é necessário interpretar quais princípios regem essas interações e entendermos como devemos agir frente a determinadas situações e é nesse sentido que as representações se tornam imprescindíveis.

As representações sociais compõem a vida dos sujeitos desde a tenra infância nos modos de atenção recebidos de seus cuidadores (MOSCOVICI, 2007) e até antes mesmo do nascimento, na escolha do nome, nos planejamentos de futuro e nas expectativas criadas sobre aquela nova existência. Na vida que se segue, incorporamos e construímos representações sociais por meio das informações que recebemos do contexto em que estamos inseridos, lemos o mundo, as pessoas e os objetos através desta ótica preconcebida, fazendo as adequações necessárias para que esses possam ser decodificados e compreendidos (MOSCOVICI, 2007).

Com base nas conceitualizações de Moscovici (2007), podemos apontar as representações sociais como fenômenos simbólicos prescritos e transmitidos historicamente, produzidos por sujeitos e grupos com interesses comuns de uma determinada sociedade ou cultura. As representações se apresentam nas percepções de mundo dos sujeitos e nos modos de interações sociais e, através dessa dialogicidade interpessoal e intergrupar, elas são repensadas e reformuladas, podendo apresentarem-se sob novos formatos ou sendo substituídas por novas representações. Sendo assim, as representações sociais irão apresentar uma certa mobilidade em conformidade com o desenvolvimento social, como é o caso do racismo.

Vala (2015) reconhece o racismo como uma representação social, visto que é fundamentado e difundido socialmente, servindo de alicerce para edificação das relações intergrupais e não apresentando um caráter individual. Ainda, segundo o autor, o racismo apresentou modificações em sua representação ao longo do tempo, apresentando um caráter mais implícito em suas manifestações. Essas transformações, assim como a própria instauração do racismo, obtiveram respaldo tanto no campo do senso comum, através das movimentações sociais e da instauração da

norma antirracista, quanto no campo científico, ao se confrontar a racialização da humanidade e as teorias eugenistas.

Cabe salientar, a partir do discutido até aqui, uma proposição já sinalizada por Moscovici (2007): as representações sociais são atravessadas tanto pelo universo consensual quanto pelo universo reificado. O universo reificado enxergará a realidade de forma externa a ela, colocando-se em posição de observador-não-participante da mesma. A construção do conhecimento é investida por aqueles que possuem uma determinada validação excepcional dentro desse território, como é o caso do meio científico-acadêmico. Em contrapartida, no universo consensual a produção do conhecimento se dá de forma partilhada e por meio das interações entre os sujeitos, não sendo necessário um afastamento do objeto de observação, pois o fazer parte do contexto é exatamente o que lhe dá direito à argumentação. Esse seria o caso da sociedade cotidiana, do senso comum. Ambos os universos estão em constante diálogo, havendo, incorporações de conceitos do universo reificado por parte do universo consensual (MOSCOVICI, 2007).

Outros aspectos inerentes ao estabelecimento de representações sociais são os processos de ancoragem e objetivação, que segundo Jodelet (2001) explicitam a intersecção e dialogicidade entre o cognitivo e o social na formulação de representações. O processo de ancoragem é cognitivo e serve como instrumento de reconhecimento do desconhecido. Quando um objeto, ou sujeito, não se adequa aos conceitos de representação dos quais dispomos, o condensamos ao que nos parece semelhante e já é costumeiro de nosso leque de representações. Assim, sua existência é validada a partir desta nova caracterização. A objetivação será a corporificação desse aspecto abstrato das representações e servirá para refletir no concreto o que está presente na mente, tornando-se imagem visível aos nossos olhos (MOSCOVICI, 2007). Podemos aqui apontar o tema de nossa pesquisa, a representação da mulher negra na telenovela, como um exemplo desse caráter icônico de uma representação social.

Ao colocarmos em pauta uma representação social, além de estarmos falando de uma dada sociedade, partimos de um determinado *locus* social, ou seja, as representações de mulheres negras irão apresentar saliências comuns, mas, ao mesmo tempo, serão caracterizadas pela singularidade, conforme o grupo que as representa. Moscovici (2007) defenderá que a condição social interfere na formulação de representações das quais o sujeito se utiliza para estabelecer sua relação com o mundo, assim, a representação que um grupo de classe social abastada terá sobre um determinado

fenômeno será diferente das de um grupo de classe social menos favorecida, não somente por serem grupos distintos, mas por ocuparem lugares distintos dentro da organização social.

Dessa forma, é importante questionarmos sobre os atravessamentos entre as representações sociais e as relações de poder e o quanto essa conexão interfere diretamente na forma como as representações de determinados grupos sociais se apresentam, por exemplo, nas mídias de massa. Roso et. al (2002) nos alerta para o fato de as mídias estarem a serviço da manutenção da sociedade capitalista, perpetuando as relações de poder e dominação de maiorias sobre minorias. Logo, quando pesquisamos sobre representações sociais, não estamos apenas olhando para o que se representa, mas de onde essa representação parte, quem fala e por que fala.

Moscovici (2007), apresenta o conceito de Themata onde considera-se que representações sociais são originadas a partir de princípios centrais organizadores da sociedade, “concepções originais” formuladas ao longo da história que servem como arcabouço de representações. Deste modo, poderíamos propor em conformidade ao defendido por Vala e Pereira (2018) que o racismo enquanto representação social, baseia-se na máxima “a humanidade é dividida em raças essencialmente distintas entre si”, contudo, Moscovici (2007) ressalta a dificuldade de aproximar-se deste núcleo formulativo, por apresentar um caráter multifacetado assim como as representações deles originadas. Assim chegar a todas as crenças que levaram ao surgimento da representação social do racismo não é possível, mas podemos nos aproximar de algumas destas ideias e entendermos, ainda que em parte, sua formulação.

O racismo enquanto uma representação social, logo, uma teoria social, conduz relações desiguais e está inscrita no *modus operandi* da sociedade. É a estrutura e o estruturante não um comportamento desqualificante específico que um indivíduo tem para com outro, como é o caso do preconceito racial. É importante ressaltar essa diferenciação para evitar as confusões feitas entre racismo e preconceito racial, porém ainda possamos considerar que as atitudes de preconceito racial estejam fundamentadas no racismo, principalmente no que tange as crenças racistas implícitas e explícitas nesta norma (VALA; PEREIRA, 2018).

Nesta direção o racismo é apontado como uma “representação social da natureza humana” (VALA; PEREIRA, 2012 apud VALA; PEREIRA, 2018, p.221, tradução nossa) pois se baseia na categorização da humanidade partindo da ideia de raças humanas, havendo assim uma profunda e imutável diferença entre tais grupos, onde alguns são designados superiores e outros tem sua

humanidade negada, por acreditar-se que não possuem as características consideradas vitais ao ser humano, ou seja, as características inscritas pelo grupo dominante.

Vala e Pereira (2018) ainda comparam o racismo com um vírus em evolução, um organismo vivo que se modifica e adapta conforme o ambiente. A instauração de norma antirracista, segundo os autores, trouxe uma forma de “censura” nas manifestações de preconceito racial e no modo como a estrutura racista se organiza, assim o racismo modelou-se, trocou sua roupagem de modo que, aos olhos menos atentos, passa despercebido.

Ainda que as referidas conclusões partam de uma análise majoritariamente do contexto europeu, poderíamos transpor essa mesma afirmativa a conjuntura brasileira? Quais especificidades apresentamos a nível nacional? A fim de responder tais questões e localizar nosso objeto de pesquisa, adentraremos as especificidades do racismo no contexto brasileiro.

3 MARCAS COLONIAIS: O RACISMO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Almeida (2018), ao trazer para debate o racismo estrutural, afirma que o racismo é parte da construção da sociedade brasileira, não uma exceção, um erro ou um desvio de caráter, mas sim uma norma arraigada desde os tempos de Brasil Colônia e endossada por instituições e discursos sociais. Ao perceber as divergências e confusões que se estabelecem nesta discussão, o autor irá apresentar o racismo a partir de três perspectivas de análise, para fins de elucidação teórica.

A primeira concepção apresentada será a individualista, onde o racismo é lido como uma prática desviante de determinados grupos e sujeitos, um ato isolado que se explica apenas pela má índole de determinadas pessoas e deve ser erradicada através de punições sancionadas por instituições legais (ALMEIDA, 2018). O autor aponta os erros e riscos de partir desta perspectiva, visto que estas mesmas instituições irão revalidar o racismo cotidianamente, de modo que nunca se dissolve a questão. Esta perspectiva assemelha-se ao que Vala e Pereira (2018) chamam de preconceito racial e Almeida (2018) de discriminação racial, no entanto ambos irão entender estas práticas como categorias distintas do racismo (seja como representação social, seja como estrutura), ainda que resultante dele.

Posteriormente, Almeida (2018) apresenta a concepção institucional, a qual parte da noção do racismo como resultado de mecanismos de poder estabelecidos pelas instituições condutoras da sociedade, apoiando-se na ideia de raças humanas distintas entre si e classificadas em superiores e inferiores. Visto que estas instituições são coordenadas por grupos dominantes, ou seja, aqueles que ocupam o lugar de superioridade, as ações institucionais pretendem servir aos interesses destes. Portanto, toda manifestação por parte das instituições em relação aos grupos subjugados (seja através de políticas de ações afirmativas, seja por meio da violação de direitos e demais violências), tem como propósito erradicar as manifestações e descontentamentos destes grupos e uma subsequente organização capaz de ameaçar a conjuntura (ALMEIDA, 2018).

O autor partirá do conceito de Biopoder de Michel Foucault, onde defende-se que a soberania estatal exercerá controle sobre as vidas dos seus sujeitos e “torna-se o poder de suspensão da morte, de fazer viver e deixar morrer” (ALMEIDA, 2018, p.88), para refletir sobre o modus

operandi do Estado Brasileiro. Segundo o autor a divisão entre raças superiores e raças inferiores, sustentada pela ideologia racista, está intimamente ligada à biopolítica e a escolha de quem tem direito a vida digna e quem não, sendo que no caso do Estado Brasileiro, essa prática é exercida pelos serviços de saúde e saneamento básico, bem como pelas forças de segurança e proteção (ALMEIDA, 2018).

O racismo, ainda neste ponto, contribuirá para uma aceitação da morte (e deixar morrer) do Outro por parte da população e do Estado (ALMEIDA, 2018) já que esse Outro não é considerado um igual pertencente a classe dominante e sim um outsider, uma ameaça a hegemonia do grupo dominante. Grada Kilomba (2019) propõem que a construção do negro na esfera social é fruto de aspectos que a branquitude nega em si e como forma de autoproteção, projeta em seus díspares e assim constrói o Outro, o antagonista culpado por todos os males.

Em termos psicanalíticos, isso permite que os sentimentos positivos em relação a si mesma/o permaneçam intactos – branquitude como a parte “boa” do ego – enquanto as manifestações da parte “má” são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos e “ruins”. No mundo conceitual *branco*, o *sujeito negro* é identificado como *objeto “ruim”*, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável – permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (KILOMBA, 2019, p. 37)

Estas concepções do outro como “parte ruim” da sociedade e as práticas de vida e morte exercidas pelo Estado ajudam a elucidar alguns dados apresentados nos últimos anos. Em 2018, por exemplo, 75% dos homicídios cometidos em território brasileiro tiveram como vítimas pessoas negras, sendo que no período de 2008 a 2018 a taxa de homicídios da mesma população aumentou em 11,5%, enquanto a de não-negros apresentou uma queda de 12,9% (ALVES et al., 2020).

Também em 2018, constatou-se que dentre os brasileiros encontrados com menores rendimentos, pretos e pardos representam um percentual de 75,2%, sendo que no tocante a pobreza monetária a mesma população representou uma taxa de 32,9%, enquanto brancos equivaleram a 15,4% (IBGE, 2019). Pretos e pardos também são apontados como a população com maiores restrições a condições de moradia, saneamento básico, proteção social, educação e internet (IBGE, 2019).

No que diz respeito a saúde, a população negra também terá esse âmbito comprometido. Ainda que em 2008 tenha sido a população que mais utilizou serviços do SUS – cerca de 67 % –, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013 apontou que a população negra tem menor acesso à saúde em comparação à população branca (BRASIL, 2017). Em vista disso, equiparado à brancos, pretos e pardos realizaram consultas médicas com menor frequência e as gestantes destas mesmas populações apresentaram um baixo índice de acompanhamento pré-natal (BRASIL, 2017).

Considerando que a população negra do Brasil equivale a 56% da população brasileira (IBGE, 2020), pode-se argumentar que a alta nestes índices em relação aos brancos se deve ao fato da população preta e parda equivaler a maior parte da população, porém isso não explicaria o aumento de mortes de negros enquanto a de não-negros diminuiu, nem como, mesmo sendo a maioria em números, representam apenas 27,7% dentro da população com maiores rendimentos no país (IBGE, 2019).

Deste modo, tanto os altos índices de violência, quanto os baixos índices de acesso a meios intimamente ligados a qualidade de vida, devem-se a permissividade das instituições, bem como a letargia de seus representantes e da sociedade. Sendo assim, já que as instituições são apontadas como principais reprodutoras das práticas racistas cotidianas, estaria nas instituições também a solução para o combate ao racismo?

Partimos então a terceira perspectiva de análise do racismo, a estrutural, brevemente apontada no início do presente capítulo. Visto que as instituições são comprovadamente racistas, devemos sugerir que, dada sua magnitude, existe uma história progressiva a concepção destas instituições que explicaria a origem e permanência deste caráter. Almeida (2018) irá defender que o cunho racista das instituições decorre de as mesmas estarem a serviço e defesa de uma sociedade que também é racista, ou seja, as instituições ao representarem o corpo social, também representam seus ideais, preceitos e preconceitos construídos ao longo dos anos.

Estas ideias são os fundadores da sociedade e é por isso que o racismo será chamado de estrutural, por estar nas origens da construção da sociedade brasileira, servindo como base, tal qual as vigas de uma casa. Deste modo, a perspectiva estrutural irá entender o racismo como um processo histórico e político (ALMEIDA, 2018).

Histórico pois se estabelece desde a retirada de povos africanos de suas terras natais e sua chegada na colônia que posteriormente se transformaria em nação. Neste período, populações

negras foram dominadas economicamente (através do trabalho escravo, com todos os lucros ficando nas mãos dos senhores brancos escravocratas), socialmente (por meio da desumanização de sujeitos, humilhações, negação de direitos e violências físicas como açoitamentos, torturas e mutilações) e culturalmente (com a marginalização de manifestações culturais de matrizes africanas, como a música e a religião, neste ponto alçando mão de um sincretismo religioso vertical por parte da igreja católica), sendo que mesmo após a decadência do sistema escravista pessoas negras não foram consideradas sujeitos iguais de direito, pelo contrário, foram largados a própria sorte, sem nenhum tipo de reparação aos danos causados (MOURA, 1992).

Este processo também culminou para os dados anteriormente apresentados. Assim, a maioria da população de descendências africanas permanece às margens da sociedade, vivendo em condições de vida precária e é impelida a se haver cotidianamente com violências dos diversos gêneros, (a) por ocupar o lugar de Outro – podemos entender essa prática também com justificadora do processo de escravização, (b) por reflexos de um processo histórico (com reparações insuficientes) e (c) pela revalidação desse processo, cotidianamente, por parte das instituições.

Devido a estas instituições, que se considera o racismo também um processo político, visto que ao se organizar por intermédio destas instituições, o racismo possui os meios que possibilitam sua legitimação e de suas práticas coercitivas a nível estatal. Para isso produzem-se narrativas carregadas de caráter ideológico como forma de manter a coesão social mesmo diante de uma estrutura bárbara com determinados sujeitos (ALMEIDA, 2018). A este propósito servem, por exemplo, a ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial.

A ideologia do branqueamento faz parte de um projeto político baseado nas teorias biológicas e de raça que enxergavam pessoas negras como biologicamente inferiores e conseqüentemente um problema para o desenvolvimento do país, sendo a solução para este “problema” a miscigenação da população (ANDRÉ, 2007). Essa ideia surge em meados do final do século XIX e início do XX idealizada pela elite branca, com o objetivo de extinguir a população negra, tornado o Brasil um país branco (BENTO, 2002) através da criação de políticas imigratórias de populações europeias (NASCIMENTO, 1978). Concomitantemente a esse processo surge o mito da democracia racial, visto que ao se tratar de um país em miscigenação, os conflitos entre raças não faziam parte da realidade brasileira, sendo assim, o Brasil seria um país em harmonia, onde

raça não era um fator de importância e todos usufruíam das mesmas oportunidades (NASCIMENTO, 1978).

Tais mecanismos políticos-ideológicos serviram, ao longo do tempo, para desarticular as movimentações de pessoas negras por direitos, uma vez que diante do discurso social eram todos iguais, faltavam subsídios legislativos para autodefesa, além de impossibilitar os processos identitários de autodefinição e autoaceitação (NASCIMENTO, 1978). Assim como servem até os dias atuais para respaldar falas encontradas no discurso social, que deslegitimam os debates raciais, encaixam os apontamentos e denúncias como “mimimi”, mesmo diante da existência de leis que reconheçam a disparidade racial no país e as opressões sofridas pela população negra.

Neste ponto, nos questionamos em articulação com o nosso tema: Como o racismo e o sexismo se transportam e se integram às telenovelas, refletindo a construção de representação de mulheres negras? Qual o lugar da telenovela dentro da estrutura da sociedade brasileira?

4 A MULHER NEGRA NA TELA: TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA E REPRESENTAÇÃO

A telenovela brasileira chegou ao cenário nacional junto à inauguração da televisão na década de 1950, inicialmente com um formato diferente do qual conhecemos hoje, sendo transmitida ao vivo e semanalmente (HAMBURGUER, 2011). Em meados dos anos 70, a Rede Globo se estabeleceu neste campo enquanto meio de comunicação e entretenimento influente (ARAÚJO, J., 2008) e se consolidando até os dias atuais como uma das maiores emissoras de televisão brasileira e reconhecida por suas produções em telenovelas (MALTA; OLIVEIRA, 2020).

Ao longo de sua história, a teledramaturgia brasileira vem sendo marcada por suas nuances racistas nem sempre sutis. Em 1969, época em que a Rede Globo ainda produzia novelas ambientadas em contextos dissociados da realidade brasileira, Ruth de Souza deu vida a Tia Cloé na novela “A Cabana do Pai Tomás”, papel que deu à atriz o título de primeira protagonista negra em telenovelas brasileiras, ainda que o fato seja corriqueiramente desconsiderado. A obra em questão foi permeada por polêmicas: o ator que interpretava o personagem principal, que tratava-se de um personagem negro e escravo, era branco e, para dar vida ao papel, pintava-se de preto, o que gerou críticas e manifestações de repúdio lideradas pelo dramaturgo Plínio Marcos (1969). Além disso, a presença da atriz negra em um papel de destaque, algo incomum para a época, foi alvo de reclamações, ocasionando a retirada do nome dela dos créditos da novela (DE SOUZA, 2015).

Dos anos 60 para cá, outras atrizes e atores negros atuaram nas novelas brasileiras. Todavia, é somente a partir dos anos 80 que se observa “uma lenta, mas progressiva ascensão do negro na dramaturgia da teleficção. Mesmo assim, identificamos que em um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhum personagem afrodescendente” (ARAÚJO, J., 2008, p.980).

Considerando esta problemática, em 1998, foi apresentado o Projeto de Lei 4370/1998, pelo até então deputado negro Paulo Paim, o qual dispunha da "representação racial e étnica nos filmes

e peças publicitárias veiculadas pelas emissoras de televisão" (BRASIL,1998). Dentre suas diretrizes, o Projeto de Lei buscava implementar a obrigatoriedade de presença de artistas negros, em uma cota mínima de 25% do total de artistas presentes em filmes e programas difundidos por emissoras de televisão. Como o projeto em questão encontra-se arquivado, não existem leis específicas que tratem da diversidade racial em propagandas, novelas, filmes, jornais e demais meios midiáticos. Frente a isto podem surgir questões: caso uma lei desse gênero fosse aprovada, os impactos gerados seriam genuinamente efetivos?

Dentro da sociedade brasileira, a população negra ocupa um lugar de opressão cotidiana, onde seus corpos são sujeitados - ou poderíamos melhor dizer, “assujeitados”, uma vez que lhe são retirados os lugares de sujeitos e colocados à margem- a violência social, que acaba por ser legitimadora das demais formas de violência. Nesse contexto em que sua existência é invalidada, a não ser que sirva para manutenção do *status quo*, raras são as ocasiões em que há possibilidade de pessoas negras representarem a si, suas singularidades e pluralidades, nos espaços midiáticos (CAMPOS; JÚNIOR, 2016; PIMENTA, 2018).

O levantamento realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sobre a diversidade racial nas telenovelas da Rede Globo entre 1985 e 2014, aponta que neste período as equipes de produção das telenovelas (autores, diretores, etc.) eram majoritariamente brancas. Ampliado o olhar para a equipe artística, constatou-se que somente 8,2% do total de papéis em tramas centrais - ou seja onde os papéis e enredos são mais desenvolvidos - foram representados por atores negros e pardos neste mesmo período e quando se faz o recorte de gênero, as mulheres representaram um percentual de 3,8% dentro da mesma categoria (CAMPOS; JÚNIOR, 2016).

Logo, a participação da população negra encontrada nas telenovelas não é condizente com a realidade demográfica brasileira (CAMPOS; JÚNIOR, 2016; PIMENTA, 2018; SANTOS, T., 2015), que em 2019 apresentou um percentual de 56% da população se autodeclarando como preta ou parda (IBGE, 2020). Ainda que a análise do estudo de Campos e Júnior (2016) não abarque as produções dos últimos seis anos e, nesse período, possa ter ocorrido um aumento da participação da população negra em teledramaturgias, é pouco provável que ela se equipare aos dados populacionais atuais. Apesar de esforços pontuais, há uma despreocupação por parte de equipes de produção tele dramáticas frente à problemática, um exemplo bastante ilustrativo é o da

novela “Segundo Sol”(2018), produzida pela Rede Globo, com autoria de João Emanuel Carneiro, que foi alvo de recorrentes críticas na época de sua veiculação, recebendo inclusive uma notificação do Ministério Público (MAIA, 2018), pois a produção que era ambientada em solo baiano, estado onde na época 80% da população se autodeclarava preta ou parda, não possuía nem metade do elenco constituído por personagens desse grupo (COWIE, 2018).

A mídia serve como meio de manutenção do poder hegemônico, da mesma forma que é produto do mesmo, logo, o que ocorre na relação mídia-sociedade é uma retroalimentação (MAURO; TRINDADE, 2012) e por meio dessa interação, as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa exercem mudanças nos campos representacionais e relacionais (ROSO et al., 2002).

Visto que os meios de comunicação de massa costumam estar em conformidade e a serviço de classes dominantes, as representações de mulher negra presentes em telenovelas dizem respeito à forma como pessoas que se apresentam num lugar de privilégio, e majoritariamente não fazem parte desse grupo, percebem e representam mulheres negras. A telenovela, na visão de Pimenta (2018), sendo um dos braços da mídia e funcionar na mesma direção, perpetua estereótipos socialmente produzidos e, ainda que os feedbacks por parte do público exerçam interferências nos direcionamentos das produções, os mantêm fixos, salva algumas exceções.

Assim, mulheres negras, que já percebem seus corpos sendo permeados por estereótipos, historicamente e cotidianamente, veem essas mazelas se estenderem de forma elucidada aos meios midiáticos. Os estereótipos da empregada doméstica, da mulata sensual, da fofoqueira, da invejosa e os comportamentos de descontrole, que são difundidos socialmente, também são utilizadas recorrentemente na montagem de personagens femininas negras (CAMPOS; JÚNIOR, 2016; MALTA; OLIVEIRA, 2020; PIMENTA, 2018; SANTOS, T., 2015).

Além da sub-representação e dos estereótipos, as personagens negras, assim como os personagens negros de forma geral, apresentam enredos pouco desenvolvidos. São apresentadas como a empregada doméstica, de poucas falas, que é considerada como parte da família, mas não tem sua família, não tem sua história e serve apenas como pano de fundo para a história do protagonista branco. Mesmo quando personagens negras conquistam um papel de destaque e ocupam lugares de ascensão social, encontramos os estereótipos subjugando-as novamente (MALTA; OLIVEIRA, 2020; PIMENTA, 2018; SANTOS, T., 2015).

Deste modo, ainda que a inserção de artistas negros nas produções seja considerada uma responsabilidade social, os estereótipos persistem, pois não há uma desconstrução nesse aspecto (PIMENTA, 2018). Ou seja, a personagem negra é utilizada como representante desse caráter social e não como personagem-sujeito. Logo, sua missão neste contexto não é de representar as diversidades de existências, mas, sim, garantir uma ideia de que todas as narrativas têm lugar para fala e, dessa forma, ancorar uma falsa representatividade e uma mobilidade que, em essência, não movimenta e nem transforma o discurso, somente o alimenta.

A manutenção do discurso social racista dentro da telenovela também se perpetua pela banalização do próprio debate racial. Quando colocado em pauta, o racismo é apresentado como um desvio de caráter específico de um sujeito e não como uma questão presente em toda a sociedade brasileira (MALTA; OLIVEIRA, 2020; PIMENTA, 2018). Esta situação dificulta um debate sério e implicado sobre a temática, nos distanciando de uma tomada de consciência social sobre o sistema em que vivemos.

5 MÉTODO DE PESQUISA

5.1 DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS

A presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo onde buscaremos entender como a representação de mulheres negras na teledramaturgia brasileira tem se apresentado, partindo dos apontamentos e resultados encontrados em estudos anteriores que se debruçam sobre o tema. Além disto, buscamos compreender como estas representações refletem a estrutura racista do país, bem como as especificidades do racismo com mulheres negras.

Para isto, partiremos da Revisão Narrativa como método de pesquisa. A Revisão Narrativa ou Tradicional trata-se de uma revisão da literatura com espectro amplo, onde o método de escolha e análise de matérias não é especificado, apresentando caráter estritamente qualitativo e considerado como oportuno para discussões e reflexões sobre determinado assunto (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011; ROTHER, 2007). Compreendemos as limitações que o método apresenta, como a impossibilidade de reprodução e o risco de uma argumentação unilateral (JESSON; MATHESON, 2011), mas acreditamos que dada a temática e as dificuldades encontradas anteriormente na busca de matérias sobre a mesma de forma sistemática, não poderíamos nos haver com método mais benéfico para discussão do nosso tema.

Ainda que entendamos que nosso método não exige definições e restrições, algumas demarcações precisaram ser feitas. Os estudos utilizados datam de publicação de um período de 10 anos (2010-2020), tendo em vista que se entende que em uma década seria possível identificar possíveis transformações no campo do racismo e da representação da mulher negra na teledramaturgia. Alguns dos estudos utilizados na revisão da literatura que se enquadraram nestes requisitos também foram inclusos no *corpus* de análise dada suas relevâncias irrefutáveis para nossa discussão.

A plataforma Google Acadêmico foi selecionada como plataforma de busca e coleta de materiais. Apenas artigos publicados em revistas (independente da qualis) foram selecionados.

Ainda que reconheçamos a relevância de materiais produzidos em eventos, assim como livros e outros materiais optou-se por não adicionar tais estudos ao espectro de análise.

5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Após o levantamento e leitura integral dos estudos selecionados, apresentamos uma síntese dos dados encontrados. Entendemos que nosso método exige uma leitura crítica, deste modo, apontamos equívocos, lacunas e elementos éticos percebidos nestes materiais. Para isto nos propomos a analisar os resultados partindo da Teorias das Representações Sociais e dos Estudos de Raça e Gênero.

A Teoria das Representações Sociais irá compreender que a elaboração de RS é essencial para convivência dos sujeitos dentro da sociedade, sendo produzida e reproduzida cotidianamente e se modificando ao longo dos anos (JODELET, 2001; MOSCOVI, 2007; VALA, 2015). Partindo da concepção de que representações sociais apresentaram uma transposição para imagem (MOSCOVICI, 2007) e que entendemos o racismo como representação social em conformidade ao apresentado por Vala (2015), concluímos que a análise dos materiais a partir dessa perspectiva é fundamental para o estudo da representação de mulheres negras dentro da teledramaturgia brasileira.

A transdisciplinaridade do tema e a necessidade de situar o estudo nos convida a dialogar com autores de outras áreas do conhecimento. Ainda que Almeida (2018) parta de uma análise sócio-política do racismo ao entendê-lo como estrutural, sua análise conversa em alguns pontos, ainda que indiretamente, com nosso entendimento do racismo enquanto Representação Social. A inclusão da concepção estrutural dentro de nossa análise contribuirá para a localização do contexto brasileiro, bem como para a articulação do racismo como representação social a nível nacional.

Em relação a discussão racial fica evidente a necessidade do recorte gênero dentro de nossa análise, para isto buscaremos compreender a problemática considerando contribuições de autoras feministas que estudam o racismo e o sexismo. Kilomba (2019) defenderá que racismo e sexismo são categorias inseparáveis tanto em suas constituições, quanto em suas análises, em concordância com a autora e considerando a especificidade do nosso tema, optamos por utilizar autoras que abarquem essa perspectiva.

Reconhecemos a relevância e contribuições das autoras clássicas que são recorrentemente utilizadas em debates de gênero, mas acreditamos que outras narrativas também precisam ser escutadas. O campo teórico também é um espaço de/para todas e é chegado o momento de discursos que há tempos circulam, mas que por um longo período foram marginalizados, ocuparem esse palco.

5.3 ASPECTOS ÉTICOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está vinculado ao VIDAS – Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Clínica Social da Universidade Federal de Santa Maria. Ele foi registrado como projeto de pesquisa no Gabinete de Projetos da UFSM sob o número 055037.

A presente pesquisa não foi submetida a análise do sistema CEP/ CONEP por se tratar de um estudo que não implica a participação de seres humanos e utiliza-se da revisão da literatura como método de coleta de dados, o que conforme a Resolução CNS 510/2016 (BRASIL, 2016), que determina as condutas éticas em pesquisas das áreas de ciências humanas e sociais, isenta a pesquisa de registro e avaliação no sistema. Todavia, o projeto maior no qual se insere esse Trabalho de Conclusão de Curso, “Vidas Precárias no Cíber Mundo: Estudos sobre violências, poder e interseccionalidades dos sistemas hierárquicos”¹, já foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 79231217.4.0000.5346.

¹ Registrado no Sistema de Informações para o Ensino (SIE – UFSM) sob número 046983.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A plataforma Google Acadêmico foi utilizada para coleta de artigos publicados no período de 2010 à 2020 em língua portuguesa. O descritor utilizado foi “mulheres negras AND telenovelas”. As patentes e citações foram excluídas e, após a filtragem, a busca apresentou aproximadamente 4.450 resultados.

Destes resultados foram excluídos: artigos que falavam de questões raciais sem focar em telenovela; artigos que falavam da negritude em telenovelas, mas de modo amplo ou focando na masculinidade negra; artigos que tratavam de filmes e séries; artigos que já haviam sido selecionados dentro dos materiais da revisão teórica; artigos (arquivos) que não abriram; artigos duplicados; publicações de eventos; e dissertações/trabalhos de conclusão de curso.

Dos 4.450 resultados da busca, apenas 7 artigos foram selecionados. Dos artigos utilizados anteriormente na revisão teórica – e que optamos por adicionar ao corpus de análise dada sua relevância para o trabalho- apenas 2 artigos se enquadraram no critério de seleção ao tratar especificamente da representação de mulheres negras nas telenovelas. Por fim, totalizaram-se 9 artigos a serem utilizados na revisão narrativa.

Percebeu-se que nenhum dos materiais coletados foram produzidos por profissionais da área da psicologia, nem publicados em revistas da mesma. Esse fato nos fez questionar o motivo de não haver produções em nosso campo, principalmente dentro da psicologia social, visto que a telenovela é um fator de influência no contexto brasileiro e o racismo é uma questão que diz respeito a nossa área. Dos artigos selecionados, três (ARAÚJO, C., 2016; BALBINO, 2018; SOARES, 2017) não apresentaram clareza na metodologia, tal fato dificulta a compreensão das etapas e sua reprodução seria inviável caso empregássemos um método sistematizado.

No que tange a novelas citadas/estudadas nos artigos, 12 foram abordadas – uma das produções (Gabriela) é abordada em suas duas versões (1975 e 2012), condensou-se ambas como uma, pois a autora não aponta diferenciações nem na narrativa, nem na análise de ambas –, sendo que algumas aparecem em mais de um estudo. As produções teledramatúrgicas em questão

abrangeu um período de 45 anos, havendo uma maior concentração nas produções do século XXI, principalmente nos últimos 10 anos.

Após a leitura integral dos artigos, percebeu-se algumas convergências nos argumentos e resultados encontrados pelos autores. Como forma de apresentar e discutir tais apontamentos, os resultados foram separados nas seguintes categorias: A função da mídia e da telenovela; O racismo como pauta; As representações de mulheres negras; Afetividade e sexualidade; e Mudanças nas representações. Tais categorias foram transformadas em capítulos que, além de organizar os principais resultados, visam responder nossas questões de pesquisa.

6.1 A FUNÇÃO DA MÍDIA E DAS TELENÓVELAS

A maioria dos materiais levantados aponta a relevância histórica e social das mídias de massa, em especial, da telenovela. Nessa perspectiva, a telenovela é indicada como um dos produtos da mídia televisiva mais consumido e importante em solo brasileiro (BALBINO, 2018; MALTA; OLIVEIRA, 2020), havendo bastante investimento nesta indústria, principalmente por parte da Rede Globo, uma das maiores emissoras de televisão brasileira (CAVALCANTI, 2020; SANTOS, R., 2020; SOARES, 2017). Tal feito ocasiona um reconhecimento mundial do Brasil, no que diz respeito a tais produções (SANTOS, R., 2020), que acabam por se integrar ao cotidiano da população, concretizando seu valor cultural, fornecendo influência no setor publicitário (MAURO; TRINDADE, 2012), bem como nos posicionamentos e comportamentos dos sujeitos (ARAÚJO, C., 2016).

Percebemos uma intrínseca relação entre a telenovela e a manutenção de representações sociais. Moscovici (2007) já apontava a ligação entre representações sociais e as mídias de massa. Visto que as representações sociais fazem parte da vida cotidiana da sociedade e a mídia é produto (e produtora) dessa mesma sociedade, as representações sociais também circularão nos meios de comunicação (MOSCOVICI, 2007). O autor ainda assinala que com o passar do tempo e a ampliação do seu alcance, a mídia se transpõe para diversas áreas da sociedade (MOSCOVICI, 2007). A partir desta ampliação, a telenovela e a televisão, trabalham na renovação de representações sociais, estabelecendo um elo com o telespectador e a sociedade.

Os estudos associam que a influência exercida pela mídia se deve à concepção presente nas produções teledramatúrgicas, de assemelhar-se a realidade, o que resulta em uma sensação de representatividade da vida cotidiana no telespectador (PINHO; VACARIO, 2018), produzindo um discurso análogo na sociedade (SANTOS, R., 2020). Souza, Henning e Souza (2013) ressaltam a problemática dessa representação da realidade presente em grande parte das narrativas das telenovelas, com enredos desenvolvidos em bairros abastados do Rio de Janeiro e com personagens majoritariamente brancos (e de classe média alta) em seus papéis principais, o que reforça uma ideia de nação e de realidade que nos distanciam de uma tomada de consciência de questões sociais emergentes.

Mauro e Trindade (2012) propõem que a telenovela “funciona como um discurso social e ideológico que reflete as ideias e as transformações do contexto em que é produzido, integrando um processo dialógico com a realidade” (p.170), ou seja, é uma via de mão dupla em que o mundo externo exerce sua influência na produção do mesmo modo que a produção exerce suas influências no mundo externo. Porém, como já proposto por Souza, Henning e Souza (2013), essa realidade representada não diz respeito a todos brasileiros e, sim, a um seleto grupo, que não por engano é o mesmo grupo que está por trás das câmeras e na construção de tais produções: branco e de elite (SANTOS, R., 2020). Partindo dessas colocações, podemos afirmar que a telenovela serve, apesar da ideia de representação da realidade, como um lugar onde “fantasias da branquitude” (KILMOBA, 2019) sobre o mundo e o outro são colocadas em prática. Assim, quando olhamos representação de pessoas negras presentes na mídia televisiva estamos olhando para o que o grupo dominante pensa desses sujeitos e não com uma representação que estes sujeitos têm de si.

Essas características não ficam isoladas às telenovelas e se expandem a todos as produções da mídia de massas. A mídia exerce a importante função de “disseminar informações, construir padrões e dar visibilidade às questões que julga importante (SORES, 2017, p. 260), assim, o “que é representado na mídia passa a construir a realidade e funciona como um meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (SBRISSA & ROSO, 2018, p.3).

Soares (2017) aponta que o campo midiático, acima do cultural, é empresarial e como toda empresa, defende seus interesses financeiros e ideológicos. Deste modo, a mídia irá reforçar o padrão hegemônico das relações para manter seus interesses e lucros intactos, assim não serão raras as ocasiões em que a mídia irá reproduzir e perpetuar situações de preconceito, violência e

invisibilidade (PINHO; VACARIO, 2018; SANTOS, R., 2020; SOARES, 2017), se abstendo de debates sociais (ARAÚJO, C., 2016).

A invisibilidade e intolerância são perceptíveis, por exemplo, na forma caricata com que negros são representados na mídia geral e na baixa recorrência de aparições dos mesmos (CAVALCANTI, 2020). O modo como as representações de sujeitos negros e brancos se dão exerce influências nas concepções beleza e aceitação, delimitando os papéis sociais de cada sujeito embasado em sua raça/etnia (SOARES, 2017), reafirmando assim, as estruturas sociais e a exclusão sofrida por minorias (ARAÚJO, C., 2016).

Roso et. al (2002) questionam a forma estereotipada e degradante com que negros são apresentados dentro da mídia de massa, afirmando que estas construções reafirmam a situação de opressão na qual esses sujeitos se encontram. Assim, apesar de ser potência política e de transformação social (MALTA; OLIVEIRA, 2020; MAURO; TRINDADE, 2012), capaz de questionar os papéis sociais e situações de opressão, a mídia desempenha sua função na disseminação da ideologia do branqueamento, através de suas produções e do lugar de poder que ocupa no cenário nacional (SOARES, 2017). Deste modo, através da veiculação destas representações estigmatizantes de sujeitos negros, a mídia sustentará a “manutenção do patriarcado supremacista branco” (HOOKS, 2019, p.33).

6.2 O RACISMO COMO PAUTA

Nas raras ocasiões em que telenovelas se propõem a debater o racismo, acaba-se não havendo um real investimento em sua discussão (MALTA; OLIVEIRA, 2020). A questão é abordada como eventos isolados e recebe uma conotação individual, como algo que diz respeito a um desvio de caráter do sujeito racista (CAVALCANTI, 2020; MALTA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013). Em conformidade com Vala e Pereira (2018), Almeida (2018) e Kilomba (2019) destacamos o equívoco neste tipo de abordagem no que diz respeito às questões raciais. O racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) pode se expressar em situações de preconceito e discriminação (ALMEIDA, 2018; VALA; PEREIRA, 2018), mas essa é apenas uma parte do problema.

O racismo é uma questão inerente à vivência da pessoa negra, não se faz presente apenas em manifestações explícitas de discriminação. Está lá quando o sujeito acorda e vai estar lá quando

ele for dormir ao fim do dia. Reduzir toda esta vivência, que é histórica, institucionalizada e estrutural (ALMEIDA, 2018) a um desvio de caráter, é, no mínimo, superficial e desrespeitoso.

Deste modo, as obras teledramatúrgicas, ao optarem por essa forma de abordagem do racismo, reforçam e renovam a ideia de que no Brasil, vivemos em uma democracia racial (BALBINO, 2018; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013), onde episódios de discriminação racial e preconceito são exceção e não regra. Esta posição dificulta o debate sério sobre o racismo, reatualizando crenças que nada mais fazem do que silenciar pessoas negras (NASCIMENTO, 1978) e isentar pessoas brancas de reflexões profundas sobre seu próprio lugar dentro deste sistema (BENTO, 2002). Posto isto, defendemos que “o reconhecimento mútuo do racismo, seu impacto nos dois, em quem é dominado e em quem domina, é o único ponto que torna possível um encontro entre raças que não seja baseado em negação e fantasia” (HOOKS, 2019, p.76).

A posição tomada por personagens negros frente a situações de discriminação nas tramas, caminha no sentido contrário a esta resolutiva. Apesar de os personagens reconhecerem sua raça, a tomada de consciência dos mesmos parece encontrar uma barreira intransponível, pois, em algumas situações, ignoram situações de discriminação ou sequer reconhecem já terem sofrido algum episódio semelhante (CAVALCANTI, 2020; MALTA; OLIVEIRA, 2020). Essa situação reflete um dos impactos do mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento em sujeitos negros, que frequentemente acabam não reconhecendo sua negritude, muito menos a opressão à que são socialmente e cotidianamente submetidos (NASCIMENTO, 1978).

6.3 AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Refletindo os aspectos já colocados sobre a mídia televisiva, ao longo dos anos as telenovelas apresentaram majoritariamente personagens brancos tanto em seus elencos de modo geral, quanto em papéis de destaque, mesmo que o país tenha a maioria (em números) da população se autodeclarando como preta ou parda (BALBINO, 2018; MALTA; OLIVEIRA, 2020). O fato fica ainda mais alarmante quando mesmo personagens criadas como não-brancas (como é o caso da personagem Gabriela da obra literária “Gabriela, cravo e canela”, de Jorge Amado, adaptada para telenovela) são interpretadas por atrizes brancas e enredos desenvolvidos em localidades com auto índice populacional e cultural de matriz africana, são pouco desenvolvidos ou estigmatizados (ARAÚJO, C., 2016). Entendemos que este branqueamento de personagens protagonistas é fruto

da ideologia do branqueamento, que além de tentar projetar o Brasil como um país branco, imputa ao sujeito negro a branquitude como ideal de beleza e caráter (GONZALES, 1984).

A baixa recorrência de personagens negras nas produções teledramatúrgicas implica em uma também baixa presença de personagens negras ocupando lugar de protagonismo (MALTA; OLIVEIRA; 2020) e mesmo nessa posição de destaque, onde há espaço para melhor desenvolvimento das personagens e debate raciais, os autores ainda recorrem a estereótipos e narrativas que não se implicam verdadeiramente naqueles sujeitos (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013).

Os estudos apontam os estereótipos, para além do baixo índice de representação, como uma das maiores problemáticas referentes a representação da mulher negra na telenovela. Conforme Pinho e Vacario (2018, p.72) “[...]o estereótipo diz respeito a padrões rígidos e marcados para que um indivíduo se sinta superior a outro, geralmente com a finalidade de ridicularizar o outro, por meio de imagens preconceituosas”. Deste modo, tais dispositivos estão a serviço da reafirmação do branco como norma (SANTOS, R., 2020) e da desvalorização da imagem da mulher negra.

Carneiro (2003) afirmará que os meios de comunicação não apenas reproduzirão as representações sociais presentes na sociedade, mas trabalharão em conjunto na construção e reafirmação destas representações. Assim, as mídias de massa "ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra" (CARNEIRO, 2003, p.125).

Ainda que os contextos em que os enredos se desenvolvem e a história de vida das personagens sejam distintos, algumas semelhanças estigmatizantes são encontradas (MALTA; OLIVEIRA, 2020). Uma das principais características apontadas na construção de personagens negras é a hipersexualização (ARAÚJO, C., 2016; CAVALCANTI, 2020; MALTA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013; SOARES, 2017).

Frequentemente as personagens negras são apresentadas como sensuais, sedutoras e sexualmente disponíveis (ARAÚJO, C., 2016; SOUZA; HENNING, SOUZA, 2013), em alguns momentos de forma explícita e em outros de modo mais implícito, como através de um enquadramento de câmera (MALTA; OLIVEIRA, 2020) ou de comentários de outros personagens (CAVALCANTI, 2020). A figura da mulata difundida massivamente na mídia televisiva (ARAÚJO, C., 2016; MALTA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013) é um exemplo desta representação e irá convergir com o que Cavalcanti (2020) apresenta como estereótipo da Jezebel.

Durante a escravização, mulheres negras estavam lado a lado com os homens negros, sendo submetidas ao trabalho forçado e todos abusos e violências que os homens sofriam (DAVIS, 2016). Para além de todas as violências físicas e psicológicas sofridas por todo escravizado, as mulheres negras também eram sexualmente violentadas pelos senhores da casa grande e como forma de justificar tal ato, cria-se o mito da mulher negra lasciva que seduzia os homens brancos (DAVIS, 2016; GONZALES, 1984; HOOKS, 2019).

Compreender o contexto histórico desse caráter sexualizado presente na representação da mulher negra é investigar uma das raízes dessa representação. Lembramos que Moscovici (2007) afirmou ser impossível chegar à todas as crenças originárias de uma representação social, mas que, ainda assim, devemos nos dispor a investigar tais fenômenos visto que essa é nossa proposta enquanto pesquisadores em TRS. Isso possibilita uma aproximação, ainda que incompleta, das formulações de representações sociais (MOSCOVICI, 2007)

Cavalcanti (2020) ainda apresentará outros dois estereótipos principais no que concerne a representação de mulheres negras: a Sapphire e a Mammy. A Sapphire será a “mulher negra raivosa”, que se expressa gritando e frequentemente parte para violência física como forma de solucionar problemas, enquanto a Mammy é apresentada como a mulher negra amorosa - geralmente empregada doméstica de longa data -, que dedica a vida a servir e cuidar da família branca, sem ver nisso um problema e desempenhando o trabalho com orgulho (CAVALCANTI, 2020). Ainda que não adotando as mesmas nomenclaturas, a maioria dos autores percebe a presença de todos ou alguns dos três estereótipos na construção das personagens negras (ARAÚJO, C., 2016; BALBINO, 2018; MALTA; OLIVEIRA, 2020; MAURO; TRINDADE, 2012; SOARES, 2017; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2012).

Os estereótipos de Mammy e Sapphire também são apontados por Hooks (2019). Segundo a autora, essas representações de mulheres negras abordadas na mídia são resquícios da época da escravização, sendo assim, violentas para produção de imagem – e arriscamos dizer de autoimagem – dessas mulheres. Entendemos assim, que a veiculação desses estereótipos mina a autoestima de mulheres negras, além de dificultar a autoafirmação racial e subjugar as componentes deste grupo (CARNEIRO, 2003).

Outros dois estereótipos apontados, porém, com menos frequência são a da mulher negra trabalhadora (SANTOS, R., 2020; SOARES, 2017; MAURO; TRINDADE, 2012) e a insegurança

(MALTA; OLIVEIRA, 2020). A insegurança normalmente aparece quando as personagens negras ocupam um lugar de melhores condições sociais e realização profissional (MALTA; OLIVEIRA, 2020). Entendemos aqui que personagens negras podem apresentar características como qualquer outro personagem, mas é curioso que a insegurança surge exatamente quando se têm a oportunidade de construir uma personagem forte e bem sucedida. É quase como se, para os autores, fosse inconcebível construir uma personagem negra realizada profissionalmente e segura de si, como vemos tantos personagens homens brancos nas tramas.

O estereótipo da mulher negra trabalhadora se dá em duas vertentes, em uma a personagem apresenta padrões de embranquecimento, geralmente sendo a única negra inserida em grupo branco de trabalho com sua narrativa girando em torno disso, geralmente esse papel se aplica a personagens secundárias (SANTOS, R., 2020; SOARES, 2017). Na outra é a chefe de família responsável pelo sustento da casa, que luta para não faltar nada a sua prole (MAURO; TRINDADE, 2012). Nesse ponto, percebe-se uma recorrente vinculação da mulher ao ambiente doméstico, sendo ela a responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, mesmo após um dia de jornada de trabalho externo (MALTA; OLIVEIRA, 2020). Essa representação conversa com a realidade de muitas mulheres, que cumprem uma tripla jornada de trabalho diariamente, ocupando muitas vezes o lugar de chefe da família.

Davis (2016) aponta que durante a escravização mulheres negras tiveram que construir formas de resistência para suportar a violência, e para que seus filhos e filhas possuíssem um exemplo de feminilidade forte. Ao longo dos anos, as violências sofridas por mulheres negras tomaram novas formas, o que as obrigou a seguir resistindo e criando escudos para suportar tantas mazelas (HOOKS, 2006). Essa construção impactou nos modos de mulheres negras lidarem com o afeto. Com o tempo o escudo se tornou um fardo, pois além de não se permitirem sentir (HOOKS, 2006), houve uma apropriação e cristalização dessa defesa por parte das construções culturais da branquitude.

Soares (2017) aponta que os arquétipos de mulheres negras encontrados na mídia televisiva, conduzem a audiência a construir suposições, ideias e julgamentos sobre este grupo social de forma generalista, corroborando com a situação de opressão que mulheres negras se encontram historicamente. Percebemos, partindo dos apontamentos dos autores, que as representações de

mulheres apresentam características atravessadas pelo racismo e sexismo. Os modos como estas mulheres são representadas divergem tanto das mulheres brancas, como dos homens negros.

Kilomba (2019) defende que racismo e sexismo são categorias inseparáveis e seria impossível analisar uma sem considerar a outra. Ao apresentar o racismo genderizado, a autora defende que na vivência da mulher negra, racismo e sexismo irão se entrelaçar, resultando em uma forma de opressão bem específica, fazendo com que essas mulheres ocupem um “terceiro lugar” (KILOBA, 2019). Deste modo, compreendemos que ao mesmo tempo que os estereótipos como da hipersexualidade e da empregada cuidadosa, bem como a frequente associação com o ambiente doméstico apresentam tanto intersecções sexista quanto racistas.

Os estereótipos encontrados nas telenovelas “[...] contribuem com a manutenção do caucasiano como padrão estético, da mulata como símbolo e do corpo negro como objeto” (ARAÚJO, C., 2016, p. 80). Estas construções determinam lugares que mulheres negras podem ocupar dentro das narrativas, assim, quando uma personagem negra se dissipa de alguns estereótipos e se apresenta de modo “não habitual”, alguns estranhamentos são produzidos, seja por parte dos demais personagens, seja por parte público (PINHO; VACARIO, 2018).

Moscovici (2007) já nos apresentava a tendência de as pessoas aceitarem, acima de qualquer colocação, os fatos que comprovam suas crenças, sendo capazes de deturpar informações para que se encaixem ao que lhe é conhecido. Este processo de ancoragem é compreensível, porém essa movimentação, tal qual o modo que se dá, gera impacto nas relações cotidianas e intergrupais (MOSCOVICI, 2007) que podem vir a ser negativas.

Um exemplo dessa situação é a personagem protagonista Helena (Taís Araújo) de *Viver à vida* (2009), novela das 21 horas da Rede Globo. A personagem em questão foi repudiada pelo público, pois já inicia a trama como uma *top model* de sucesso profissional, respeitada, admirada e independente financeiramente (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013), ou seja, não correspondendo aos estereótipos já bem conhecidos do telespectador. Porém essa caracterização forte da personagem não dura muito tempo, e ao longo da trama, Helena vai se mostrando como uma figura extremamente frágil e submissa à figura masculina, o que se destoa das já conhecidas “Helenas”, de Manoel Carlos, que normalmente apresentam uma característica forte e independente (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013).

O auge desta submissão se dá na cena em que a antagonista (branca), após um monólogo de acusações e agressões verbais, desfere uma tapa no rosto de Helena que está de joelhos (MALTA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013). Para além das motivações da antagonista para tal atitude, a montagem e vinculação da cena foram extremamente controversas por reafirmar a posição de subalternidade da mulher negra (MALTA; OLIVEIRA, 2020), que a partir desse momento perde seu protagonismo no restante da trama para a antagonista branca (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013).

6.4 AFETIVIDADE E SEXUALIDADE

Uma característica encontrada nesta e em outras personagens negras é a frequente associação do afeto direcionado a homens brancos, que surgem como um “príncipe salvador”, mesmo quando as personagens são bem sucedidas financeira e profissionalmente (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013; MALTA; OLIVEIRA, 2020). Sendo assim, a felicidade e realização dessas mulheres só acontece de forma plena a partir do casamento (com o homem branco) e a constituição da família. Porém, no percurso até “happy end”, além de vivenciar o preconceito sobre sua raça e suas origens (muitas vezes não reconhecido pelas personagens como tal), há um habitual embate entre a personagem protagonista negra e a antagonista branca, o que só corrobora com o mito da rivalidade entre as mulheres e a crença sexista de que mulheres são dependentes de homens, seja afetivamente, seja financeiramente (MALTA; OLIVEIRA, 2020).

A forma com que o amor é apresentado nessas narrativas, como um percurso repleto de barreiras e adversidades a serem ultrapassadas, dialoga com uma ideia difundida socialmente e apresentada aos sujeitos desde muito cedo, através de histórias infantis. Essas concepções estão atreladas à representação social do amor, que apesar de modificações ao longo da história ainda carrega o estigma de amor ideal (SOUZA; SABINI, 2015). Ao compreendermos o amor enquanto representação social, entendemos que sua construção evoca tanto o social, quanto o singular (SBRISSA; ROSO, 2018; SOUZA; SABINI, 2015), apresentando significações, fantasias e expectativas particulares de indivíduo para indivíduo (SBRISSA; ROSO, 2018).

A vivência do amor por parte das mulheres negras é perpassada pelo racismo, o que se reflete em limitações na concepção e experimentação do amor (HOOKS, 2006). Os estereótipos sexistas e racistas posicionam essas mulheres fora do “mercado afetivo” e as realocam na

erotização (PACHECO, 2013). O erótico, como já vimos anteriormente é vigorosamente explorado na construção de personagens negras, porém há uma divergência com o que estudos como de Pacheco (2013) apresentam – afirmando que mulheres negras são afetivamente menosprezadas frente às mulheres brancas – e a forma com que alguns relacionamentos amorosos de personagens negras protagonistas são desenvolvidos nas tramas.

Munanga (1999 apud SANTOS, R., 2020) refere que esse interesse recorrente em apresentar casais inter-raciais é reflexo da defesa à miscigenação e da popularização do mito da democracia racial. Nesse sentido, a presença desses casais reforçaria a ideia defendida pelo mito da democracia racial de que no Brasil, brancos e negros vivem em completa harmonia, o que dificulta a abordagem de questões raciais dentro desses enredos, assim como na sociedade. Até o momento, exploramos a afetividade e sexualidade dentro de uma lógica heteronormativa, mas e quando as personagens negras fogem dessa norma?

Os estudos sinalizam que a presença de personagens negras que tenham como interesse afetivo outras mulheres é ainda mais baixa do que daquelas que se encaixam dentro de um padrão heteronormativo (SANTOS, R., 2020; SOARES, 2017). Soares (2017) aponta que até o ano de 2016 apenas uma personagem recorrente – ou seja, com participação regular e com enredo minimamente desenvolvido – negra bissexual foi apresentada ao público, e, quando analisada a recorrência de mulheres negras lésbicas, o número caía para zero.

Arriscamo-nos a propor que esta ínfima presença, além de estar atrelada ao preconceito de raça, gênero e a LGBTfobia, reverbera o tabu existente na sociedade acerca da lesbianidade. Rich (2010) propõem que a “heterossexualidade compulsória” como um sistema político que reitera a supremacia masculina e sustenta a opressão sofrida por mulheres. Dentro desta concepção, mulheres que fogem da norma heteronormativa são veemente punidas, discriminadas e tem suas existências invalidadas (RICH, 2010).

Personagens negras lésbicas ou bissexuais geralmente ocupam papéis pequenos, de segundo plano, com enredos pouco desenvolvidos, diferente do que ocorre com mulheres não-heterossexuais brancas, que tem suas vidas pessoais e amorosas bem desenvolvidas (SANTOS, R., 2020). Percebemos aqui, que apesar de serem um grupo oprimido mulheres lésbicas brancas recebem uma maior atenção no desenvolvimento de suas narrativas comparado às mulheres lésbicas negras (que sequer existem nos enredos). Assim como Audre Lorde (2019), não

acreditamos que opressões possam ser hierarquizadas em quem sofre menos e quem sofre mais, mas reconhecemos que ainda que façam parte um grupo oprimido essas mulheres dispõem de um privilégio legado por sua branquitude.

Assim como para o amor, a vivência da lesbianidade de mulheres negras terá suas particularidades. Ainda que inseridas dentro dos movimentos negro e/ou feminista, que lutam contra opressões, se estas mulheres fogem a norma heteronormativa correm o risco de serem subjugadas por seus companheiros e companheiras de luta (COLLINS, 2017; LORDE, 2019). Deste modo, essas mulheres permanecem neste lugar indeterminado, ocupando o *status* de “outsider within” (COLLINS, 2016), em que pertencem ao lugar ao mesmo tempo em que são estrangeiras, não tendo suas existências plenamente reconhecidas.

A forma com que a homossexualidade “feminina” é abordada em telenovelas difere da “masculina”, pois homens gays são automeados gays nas tramas, enquanto mulheres lésbicas nunca são mencionadas como tal, usam-se termos como “gosta de mulher” ou “corta para os dois lados” – quando se referem a mulheres bissexuais – (SANTOS, R., 2020). A sexualidade das personagens fica assim sem nome e suas relações afetivas subentendidas, pois não há troca de declarações como estamos acostumados a ver com os casais heterossexuais das tramas e os gestos de carinhos são mínimos e quase imperceptíveis. O beijo, o símbolo das relações afetivas e do amor, jamais é visto (SANTOS, R., 2020).

6.5 MUDANÇAS NAS REPRESENTAÇÕES

Ao longo da história da telenovela, houve um aumento de engajamento por parte dos autores e das emissoras em apresentarem personagens negra ao público e em alguns casos, personagens negras protagonistas (ARAÚJO, C., 2016; BALBINO, 2018; MALTA; OLIVEIRA, 2020; SANTOS, R., 2020). Pode-se argumentar que há uma positiva mudança na representação de mulheres negras, pois estas não ocupam mais apenas os papéis de escrava e empregada doméstica (SANTOS, R., 2020). Nesse ponto, concordamos com Carneiro (2003) que defende que apesar de os meios de comunicação apresentarem o argumento de estarem acompanhando as mudanças sociais, no que diz respeito aos novos lugares que mulheres negras passam a ocupar profissionalmente – o que de fato está ocorrendo –, devemos ficar atentos a “conotação capciosa e

perversa, que encobre as manobras de padrão já estabelecidas pela mídia e que são encobertas por uma possível correlação com a realidade” (CARNEIRO, 2003, p.125).

As mudanças são significativas, mas são mínimas, visto que as personagens negras ainda são circundadas por estereótipos (MALTA; OLIVEIRA, 2020), havendo inclusive uma renovação, que reatualiza esses estereótipos para os tempos atuais (SOUZA; HENNING; SOUZA, 2013). Partimos da concepção de que as representações de mulheres negras na teledramaturgia são um caráter iconográfico e discursivo da representação social do racismo. Visto que representações sociais são um fenômeno em constante mudança, o racismo, partindo dessa perspectiva, realizará o mesmo movimento e se modificará ao longo do tempo (VALA, 2015; VALA; PEREIRA, 2018). Vala e Pereira (2018) defendem que essas mudanças estão ligadas ao estabelecimento da norma antirracista que está cada vez mais crescente nas sociedades ocidentais, fazendo com que o racismo disponha de modos de atuação novos e sutis. Assim, podemos compreender essas modificações nas representações de mulheres negras na teledramaturgia – bem como a renovação dos estereótipos – como reflexo dessa transformação.

Balbino (2018) aponta que com o aumento da valorização da representação de pessoas negras atualmente, há espaço para alavancar a discussão sobre questões sociais. Para que esse espaço seja genuinamente aproveitado deve haver um engajamento real por parte dos proponentes (MALTA; OLIVEIRA, 2020). Assim, entendemos que, enquanto persistirem os paradigmas racistas, essas representações negativas irão persistir, deste modo, é necessário subverter não apenas a construção e difusão destas imagens, mas também nossa forma de olhar (HOOKS, 2019). Ainda que nossa percepção do mundo e do outro seja atravessada por representações, elas não são fixas (JODELT, 2001; MOSCOVICI, 2007), há uma possibilidade de mudança, e o diálogo, o questionamento e a movimentação são caminhos possíveis para esta revolução.

O movimento negro, sempre fez constantes críticas à representação deslocada do real que pessoas negras têm na teledramaturgia (BALBINO, 2018). Com a disseminação das mídias sociais ocorrida nos últimos anos houve o fortalecimento desse e outros movimentos sociais, fazendo com que os olhares se voltassem de forma mais atenta e incisiva para as representações presentes na televisão e no cinema (CAVALCANTI, 2020). Essa nova forma de comunicação e organização frente às questões do mundo, advinda do ciberespaço, permite que os sujeitos “tenham voz” e

comecem a dismantelar a hegemonia das mídias de massa tradicionais (MAZOTTI; CAMPOS, 2014), iniciando um processo de democratização da comunicação (ARAÚJO, C., 2016).

Essa movimentação gera um interesse por parte da mídia televisiva (CAVALCANTI, 2020), que precisa manter seu público. Assim, percebe-se que a presença de negras(os) dentro do campo midiático serve ao intuito de comunicar o engajamento das emissoras e suas produções na inclusão das diversidades dos sujeitos, impedindo assim que estas tenham perdas significativas de público e conseqüentemente de dinheiro (ARAÚJO, C., 2016; BALBINO, 2020; SANTOS, R., 2020).

Deste modo, o discurso inclusivo apresentando pelas grandes empresas televisivas - que aumentou significativamente nos últimos tempos - deve ser observado com cautela. Acreditamos na capacidade de ressignificações, mudanças de perspectivas e revolução da sociedade, mas não ao ponto de sermos ingênuos principalmente quando falamos de instituições que visam o interesse econômico como prioridade.

Há uma evidente limitação por parte dos autores e suas equipes para debater questões de raça e gênero (ARAÚJO, C., 2016). Sabemos que as equipes por trás dessas produções são majoritariamente brancas e a oportunidade dada a teledramaturgos negros é quase inexistente (CAMPOS; JÚNIOR, 2016), o que não é inesperado visto que a voz de pessoas negras é historicamente silenciada (GONZALES, 1984; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019).

Partimos aqui, do conceito de “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) para defender a relevância de profissionais negros por traz das produções teledramatúrgicas. O lugar de fala vai estar intrinsecamente ligado ao lócus social, a um ponto de vista carregado de significado e historicidade, inerente a todos os sujeitos, ou seja, todo indivíduo tem lugar de fala (RIBEIRO, 2017). É importante ressaltar que o lugar de fala não trata de representatividade (RIBEIRO, 2017); nossa defesa de que pessoas negras possam construir narrativas, principalmente para outras pessoas negras, deve-se ao fato de haver, dentro das histórias desses sujeitos, pontos de encontro no que se refere ao ser negro. De forma alguma estamos apagando subjetividades e generalizando existências, mas existem situações do racismo cotidiano que serão vivenciadas por toda pessoa negra (KILOMBA, 2019).

Por tanto tempo as histórias negras vêm sendo contada por pessoas brancas, que teorizam a partir de um outro lugar que não se atravessa pela experiência (KILOMBA, 2019), que somente

fala e não escuta. A inserção de profissionais negros, além dar espaço de fala a um grupo oprimido e possibilitar uma ruptura na disseminação de estereótipos (CARNEIRO, 2003), convida a branquitude a ouvir e se haver com sua própria branquitude. Assim, ressalta-se a importância de presença de mais profissionais negros dentro das equipes de produção e por trás da autoria dessas obras como forma de se desprender dos padrões e olhares que a branquitude têm sobre sujeitos negros e renovar as formas com que personagens negros são apresentados ao público (BALBINO, 2018; SANTOS, R., 2020).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos estudar o modo como as representações de mulheres negras em telenovelas brasileiras têm sido construídas, observando como estas representações estão ligadas às estruturas racistas e sexistas da sociedade brasileira.

A partir dos resultados obtidos, observou-se que historicamente, personagens negras apresentam estereótipos nas tramas, e apesar de um aumento na presença destas personagens e modificações na construção de seus enredos, há uma permanência – e renovação – destes estereótipos. Tais estereótipos reforçam lugares de submissão em que mulheres negras são socialmente encontradas, bem como crenças estigmatizante sobre formas de agir e sentir destas mulheres.

Percebeu-se ainda, ao que se refere a baixa ocorrência de personagens negras, que aquelas que não se enquadravam na norma heteronormativa eram ainda mais subrepresentadas, o que consideramos reflexo do tabu frente a sexualidade feminina não-heterossexual. Quando apresentadas, as sexualidades destas mulheres não eram tão exploradas como as das personagens negras que se encaixavam em um padrão heteronormativo, nem como das personagens lésbicas brancas, o que resulta das influências lesbofóbicas, racistas e sexistas, na construção destas personagens.

Deste modo, propomos que as concepções de imagens e representações de mulheres negras na teledramaturgia está intrinsicamente ligada a manutenção do racismo e do patriarcado, pois reproduz práticas sexistas e racistas na construção de suas personagens. Entende-se que esta construção conversa com a vivência cotidiana de mulheres negras devido ao atravessamento de raça e gênero à que são submetidas.

Ao ocupar um lugar importante na sociedade brasileira e veicular tais representações, a telenovela reforçará estigmas sociais existentes acerca deste grupo. Entendemos que estas representações são reflexos da representação social que o grupo privilegiado (e que detêm poder sobre as produções televisivas) concebe sobre mulheres negras. Assim, percebe-se que (a) as representações de mulheres negras vigentes na teledramaturgia são narrativas construídas por um

grupo (opressor) sobre outro (oprimido) e (b) a representação social da mulher negra, é vinculada aos estereótipos socialmente construídos.

A telenovela está presente na reformulação e disseminação da representação social do racismo e caminha em conformidade com as transformações que a mesma vem sofrendo ao longo dos anos. Portanto, as mudanças na representação da mulher negra na telenovela serão resultado tanto da modificação da representação social do racismo, quanto do advento das mídias sociais, acompanhando assim, as mudanças da sociedade. Porém, defendemos que essa mudança tem um interesse muito mais monetário do que social e, que se o intento é uma mudança efetiva, uma das vias se dá através da inserção de profissionais negras (os) na construção de obras teledramatúrgicas, pois partiríamos de uma perspectiva mais próxima da vivência de mulheres negras.

Nenhum dos estudos utilizados analisou personagens negras para além da cisgêneridade. Nos questionamos se não há presença destas mulheres dentro da teledramaturgia ou se não há incidência de estudo sobre o tema. Posto isto, sugerimos estudos futuros que se debrucem sobre a especificidade das representações sociais da mulher negra transgênero, pois esta é uma população que também precisa ser olhada e ter suas possíveis representações estigmatizantes questionadas.

Outro ponto que nos chama atenção é a baixa incidência de estudos sobre o tema, principalmente dentro na área da Psicologia Social e da Teoria das Representações Sociais. Visto que a teledramaturgia é um fator de influência tão importante na realidade brasileira e as questões de raça e gênero são um campo de extrema relevância para a psicologia, por que há carência de estudos na área?

Recomendamos pesquisas futuras que visem explorar os motivos que levam à inexistência de estudos na área da psicologia, bem como investigações que se proponham a preencher tal lacuna. Neste intento, é interessante que existam pesquisas que busquem compreender como mulheres negras interagem com estas representações e os possíveis impactos na construção de suas subjetividades e autoestima. Ressaltamos aqui a importância de pesquisas que permitam que sujeitos historicamente marginalizados falem e sejam escutados para além de um olhar que os subalterniza.

REFERÊNCIAS

- A CABANA do Pai Tomás. **Memória Globo**. [S.l]. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ACEVEDO, C. R.; NOHARA, J.; RAMUSKI, C. L. Relações raciais na mídia: um estudo no contexto brasileiro. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 57-73, jan./ jun., 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 204 p. (Coleção Feminismos Plurais).
- ALVES, P. P. et al. **Atlas da violência 2020**. Brasília, DF: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488> Acesso em: 20 out. 2020.
- ARAÚJO, C. F. Gabriela Cravo e Canela e a Invisibilidade da Mulher Negra na Cultura Brasileira. **Rascunhos Culturais**, Coxim, MS, v.7, n. 13, p. 55-82, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2018/09/Rascunhos_Culturais_V_7_N_13.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- ARAÚJO, J. Z. O negro na dramaturgia, um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 979-985, dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ANDRÉ, M. C. Processos de Subjetivação em Afro-brasileiros: Anotações para um Estudo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23 n. 2, p. 159-168, abr./jun., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- BALBINO, J. O protagonismo da mulher negra na teledramaturgia brasileira: uma análise da personagem Preta da telenovela Da Cor do Pecado. **Revista Eletrônica Interfaces**, v. 9, n. 2, p. 117-126, jul./set., 2018. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5162>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- BARBOSA, M. S.; COSTA, T. G. S. D. NEGRITUDE E PAN-AFRICANISMO NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: A TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES (1923-1987). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 34, n. 100, set. 2019. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092019000200512&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-57.

BRASIL. Projeto de Lei n. 4.370, de 7 de abril de 1998. Dispõe sobre a representação racial e étnica dos filmes e peças publicitárias veiculadas pelas emissoras de televisão. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, 1998. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4F6252D33A6EE0D56550AB4B9A049AFB.proposicoesWebExterno2?codteor=1128857&filename=Dossie+-PL+4370/1998>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

[BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44 p.](#)

CAMPOS, L. A.; JÚNIOR, J. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985–2014). **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380>>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, set/dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2021.

CAVALCANTI, G. Preta, Pobre e Nordestina: representações e repercussões da primeira protagonista negra da telenovela Malhação. **ENTRE.MEIOS**, Revista Discente da Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, jan./jun. 2020. Não paginado. Disponível em: <<http://entremeios.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=157&sid=23>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

COWIE, Sam. Bahia is Brazil's blackest state – but you'd never guess it from latest TV soap. **The Guardian**, São Paulo, 18 maio 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/may/18/brazil-segundo-sol-telenovela-white-black-cast-race>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**., Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2021.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso*. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 51, e175118, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300510&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2021

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2016. 244pp.

DE SOUZA, R. Ruth de Souza lança livro no Dia da Consciência Negra: "O preconceito ainda existe" [Entrevista disponibilizada em 19 de novembro de 2015, a Internet] Disponível em: <<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2015/11/ruth-de-souza-lanca-livro-no-dia-da-consciencia-negra-o-preconceito-ainda-existe.html>>. Entrevista concedida a Bruno Astuto. Acesso em: 06 out. 2020.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/semu/downloads/racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira-artigo/>>. Acesso em: 17 jan. 2021

HAMBURGER, E. Telenovelas e interpretações do Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, n. 82, p. 61-86, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

HOOKS, B. Vivendo de amor. In: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. C. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Criola; San Francisco: Global Exchange, 2006. p. 188-198.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Eletrônica. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019. Tabela 6408 – População residente, por sexo e cor ou raça**. 2020. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6408>> Acesso em: 16 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acesso em: 27 out. 2020.

JESSON, J.; MATHESON, L.; LACEY, F. M. **Doing your literature review: Traditional and systematic techniques**. 1. ed. London, Sage, 2011. 192 p.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Cobogó, 2019. 248 p.
- LORDE, A. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista**: Conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-236.
- LORDE, A. Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor. In: LORDE, A. **Irmã Outsider**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 55-65
- MAIA, M. C. ‘Segundo Sol’: Ministério Público notifica Globo por representação racial. **VEJA**, [S.l], 11 maio 2018. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/cultura/segundo-sol-ministerio-publico-notifica-globo-por-representacao-racial/>>. Acesso em: 03 nov. 2020
- MALTA, R. B.; OLIVEIRA, L. T. B. A Construção de Raça e Gênero nas Personagens de Taís Araújo. **Educação, Cultura e Comunicação**, Lorena, SP, v. 11, n. 21, p. 165-178, jan./jun. 2020. Disponível em: <<http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1038>> Acesso em: 19 jun. 2020.
- MARCOS, P. LINCON SÓ QUERIA A IGUALDADE DOS HOMENS. **Última Hora**, São Paulo, 02 maio 1969. Disponível em <<https://www.pliniomarcos.com/jornaiserevistas/lincoln.htm>>. Acesso em: 06 out. 2020.
- MAURO, R.; TRINDADE, E. Telenovela e discurso como mudança social na análise da personagem Maria da Penha em Cheias de Charme. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 169-182, jul./ dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33380>>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- MAZZOTTI, A. J. A.; CAMPOS, P. H. F. Cibercultura: uma nova “era das representações sociais”? In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE. Z. A. **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. 2. ed. Brasília: Technopolitk Editora, 2014. p. 606-649.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 404 p.
- NASCIMENTO, A. **O Genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. 184 p.
- OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações Sociais. In.: STREY, M. N. et al. **Psicologia Social Contemporânea**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 104-117.
- PACHECO, A. C. L. **Mulher Negra**: Afetividade e Solidão. Salvador: 1. ed. ÉDUFBA, 2013. 382 p. (Coleção Temas Afro)

PIMENTA I. S. **O negro na telenovela brasileira**: Um ensaio sobre representações limitadas por poder e estereótipos. [S.l: s.n], 2018. Não paginado. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/329070520_> Acesso em: 10 jul. 2020.

PINHO, J. C.; VACARIO, M. Efeitos de sentidos no capítulo da telenovela brasileira “Velho Chico”. **RALED**: Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, [S. l], v. 18, n.1, p. 61-78, jul. 2018. Disponível em: <<https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/281>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas**: Estudos Gays, Gênero e Sexualidade, Natal, RN, v.4, n. 05, p. 17-44, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Coleção Feminismos Plurais).

ROSO, A. et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez., 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, R. K. S. Afetividade Lésbica Negra: A falta de representatividade do relacionamento entre mulheres negras nas telenovelas da Globo na década de 2010. **Revista Iniciacom**, [S.l], v. 9, n.3, 2020. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/3651>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SANTOS, T. H. N. MÍDIA, REPRESENTAÇÃO E RAÇA: o negro na telenovela Avenida Brasil. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 20, p. 13-26, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2515>> Acesso em: 10 jul. 2020.

SBRISSE, L.; ROSO, A. Representações do Amor no Cinema: Abrindo as “Medianeiras” na era das conexões. **Athenea Digital**, Revista de pensamiento e investigación social, [S,l], v.18, n.2, p. e2033, jul. 2018. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v18-n2-sbrissa-roso>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SEGUNDO Sol. **Memória Globo**. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/o-segundo-sol/>>. Acesso em: 06 out.2020.

SIGNIFICADO de blackface. **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/significado-de-blackface/>>. Acesso em: 13 maio 2020.

SOARES, N. E. P. “Para eles eu não existo” - A invisibilidade da negra não heterossexual nas telenovelas brasileiras. **Revista Periódicus**, Salvador, v.1, n. 7, p.248-262, maio/out. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21489>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SOUZA, C. S.; HENNING, C.; SOUZA, F. M. PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO: NAÇÃO, RAÇA E GÊNERO E A HELENA DE “VIVER A VIDA. **Revista da ABPN**, Goiânia, v.5, n. 9, p. 69-97, nov./jan. 2013. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/237>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SOUZA, T. M. C.; SABINI, K. MAS O QUE É O AMOR? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM MULHERES EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. **Perspectivas em Psicologia**, [S.l], v. 19, n.1, p. 162-178, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30542#>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

VALA, J. RACISMOS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PRECONCEITO RACIAL E PRESSÕES NORMATIVAS. In.: JESUÍNO, J. C.; MENDES, F. R. P.; LOPES, M. J. (Org.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.153-183. (Coleção Psicologia Social)

VALA, J.; PEREIRA, C. R. Racisms and normative pressures: a new outbreak of biological racism? In: LOBO, M. C.; DA SILVA, F. C.; ZÚQUETE, J. P. (Ed.), **Changing societies: legacies and challenges**. Citizenship in crisis, v.2, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 217-248, sept. 2018.